

Pedagogia do Movimento Sem Terra

escola é mais do que escola¹

José Jackson Reis dos Santos*

O livro *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*, de Roseli Salete Caldart, representa um marco na história da educação brasileira e, em especial, na do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. A autora da obra nasceu em Erechim/RS, é integrante do Coletivo Nacional de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e da Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo. Faz parte também da coordenação pedagógica dos cursos de formação de educadores do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária.

A obra organiza-se em quatro capítulos, com subdivisões. Para efeito de análise, não separamos tais capítulos; apresentamos,

apenas, logo de início, alguns dos aspectos que caracterizam cada um, para, em seguida, apresentar uma leitura mais geral da obra.

No primeiro capítulo, há o esforço da autora em compreender, voltando o olhar para o MST e para os sem-terra, o sentido educativo do MST. Nesse contexto, o sem-terra do MST é entendido como sujeito que reflete e organiza mudanças sociais e profundas, no sentido de produzir, coletivamente, elementos concretos com dimensão de projeto de humanidade, partindo das próprias vivências.

O segundo capítulo aprofunda e identifica sinais que nascem do movimento socio-cultural nas dinâmicas das experiências do

¹ Resenha da obra de Roseli Salete Caldart. *Pedagogia do movimento sem terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000. 276 p.

* Mestrando em Educação na Universidade de Passo Fundo/RS.

MST. O processo de ocupação da escola pelo MST e a concepção de escola representam a discussão central do terceiro capítulo. Entre as discussões deste capítulo estão presentes: a) gênese e nascimento da educação escolar no MST; b) a escola e a história da formação dos sem-terra; c) a constituição de novos sujeitos (professoras, crianças).

O quarto capítulo, centrado no conceito de pedagogia como teoria e prática da formação humana, discorre sobre o movimento social como sujeito também pedagógico. Cinco pedagogias são destacadas e analisadas: a da luta social, a da organização coletiva, a da terra, a da cultura e a da história. Também é analisada a relação escola-movimento, assim como os desafios do MST como sujeito pedagógico.

“Nada começa nem termina: continua”. O próprio título final deste trabalho, visualizado nas palavras de conclusão, explicita a coerência da autora durante todo o texto. A presença da perspectiva processual, compreendendo história como possibilidade, é uma constante em sua obra. No prefácio da obra, nas palavras de Miguel G. Arroyo, “este trabalho [...] levamos como educadores a estarmos atentos ao movimento da realidade, à práxis, à experiência vivida, às ações e aos gestos”.

O trabalho de Caldart, sem dúvida, nos possibilita compreender o MST para além de significados simplistas e reducionistas apontados tanto pela elite dominante quanto pelas compreensões de senso comum. A concepção de praga a ser exterminada e de incômodo para os gestores públicos apresenta-se, na mídia, como imaginário construído em torno do MST. Como diz Caldart, precisamos vê-lo como “exemplo de luta e de organização política” na busca e na garantia dos direitos humanos. A lei-

tura do trabalho de Caldart possibilita-nos questionar conceitos cristalizados em torno do significado de sem-terra, sem (a) terra, Sem Terra (nome próprio), reconstruindo a idéia do que vem a ser sujeito sociocultural.

De acordo com Caldart, o MST passa a ser, para a sociedade atual, símbolo de contestação, de resistência, de luta a favor da maioria desprivilegiada; espaço crítico-emancipatório-propositivo que se constrói e reconstrói na caminhada, na luta diária de homens, mulheres, crianças, jovens, adultos.

O esforço visto hoje na sociedade capitalista, é para a não-manutenção e constituição de espaços e tempos coletivos. A elite dominante, hegemônica, segundo Caldart, estabelece uma luta pela desestabilização/destruição dos espaços coletivos, visto que neles reside a possibilidade de superação das mazelas ainda presentes na sociedade. Daí que a formação do sem-terra brasileiro direciona seus esforços para a construção de um novo sujeito sociocultural. Nesse sentido, os sem-terra passam a ser sujeitos sociais à medida que se constituem como uma coletividade que traz para si (o que não quer dizer esgotá-la em si) a luta para garantir sua própria existência social como trabalhadores da terra, enfrentando aqueles que, nesta sociedade, estão destruindo a possibilidade de existência (2000, p.25).

O MST, portanto, propõe uma nova *cultura política pública*, ou seja, revela em sua luta coletiva um projeto de sociedade alternativo e menos opressor, mais humano e menos desumanizante. Nesse sentido, ampliamos profundamente o significado do termo *cultura*.

A autora apresenta três argumentos que dão sustentação à opção de olhar para o

MST em sua dimensão sociocultural. A primeira delas é a realidade do MST e sua leitura; a segunda, a tradição teórica dos estudos da história social marxista e, a terceira, os elementos da teoria pedagógica.

No primeiro argumento, são apresentadas três idéias-força: a) a existência da dimensão cultural no MST; b) o MST no campo dos valores e dos gestos; c) o olhar para si do próprio movimento, no que se refere à dimensão cultural. Além disso, são retomadas concepções de cultura, desde a simbologia e mística ao imaginário criado pela indústria cultural até a compreensão da dimensão cultural como dimensão que faz parte da história de construção da resistência no interior do movimento e da formação humana dos sujeitos socioculturais.

Na tentativa de compreender e interpretar a história e os processos de transformação social, Caldart buscou em Habsbawn, Thompson, Rude, Hill, historiadores marxistas, fontes de fundamentação. Dessa historiografia marxista, apresentam-se princípios de análises que contribuem como balizas para a interpretação da trajetória da educação dentro do MST e que se constituem como fundamentação para o olhar voltado ao movimento. Os princípios estão assim elencados: a) compreender a história de baixo para cima; b) considerar a experiência humana como parte fundamental do processo histórico e, portanto, de qualquer leitura que dele se faça; c) compreender o processo de formação dos sujeitos sociais também como um processo cultural; d) olhar para os movimentos como lugar onde se desenvolvem processos socioculturais com forte dimensão de projeto.

Retomando as idéias de Thompson, Caldart explicita no segundo princípio de

análise a experiência humana em si e como cultura e a história com o processo. Em suas palavras diz:

Se é da vida presente que se desentranham os planos para o futuro, uma vida que acontece entranhada em movimento social e, no caso do MST, em uma organização social com projeto político, certamente, terá a dimensão de futuro como uma força muito mais intensa, até porque necessária à própria sobrevivência deste Movimento (2000, p. 53).

No que concerne aos elementos da teoria pedagógica, a autora destaca a essência desta teoria na construção permanente de um processo de humanização, considerando, sempre as experiências concretas dos sujeitos socioculturais. A educação, assim, é entendida de forma ampliada. Segundo a autora, precisamos nos dar conta da relação entre educação e vida produtiva; entre formação humana e cultura, entre educação e história.

Compreender que a educação não se desenvolve apenas na escola, que os processos sociais e educativos estão intimamente relacionados, que há outros espaços e tempos de formação humana além da escola, que a cultura é possibilidade de construção de outros seres-sujeitos sociais certamente nos ajuda a entender o MST com outras perspectivas.

O trabalho de pesquisa, como tese de doutorado defendida pela autora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, explicita duas dimensões caracterizadoras da formação dos sem-terra: uma é a percepção do processo de formação dos sem-terra na história do MST; outra diz respeito à observação direta da sua experiência de formação.

A autora apresenta três grandes momentos da história do MST. O primeiro é a articulação e a organização da luta pela

terra; o segundo é o processo de constituição do MST como uma organização social dentro do movimento de massas; o terceiro é a inserção do movimento de massas e da organização social do MST na luta por um novo projeto de desenvolvimento para o Brasil. A ocupação da terra, o acampamento, a organização do assentamento, o ser do MST e a ocupação da escola representam as principais vivências socioculturais imprescindíveis no processo de formação dos sem-terra do MST.

Em sua trajetória, tendo sua gestação por volta de 1979 e 1984, o MST passou a ter uma certidão em 1984, quando da realização do Primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra, no Paraná, de 20 a 22 de janeiro de 1984, em Cascavel. Das lutas em cada estado (Maranhão, Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, entre outros) até a constituição do movimento em nível nacional, os espaços de resistência foram e continuam sendo os mais diversos possíveis. A trajetória do MST é marcada por pressões objetivas da situação socioeconômica de trabalhadores do campo, por um conjunto de elementos socioculturais e políticos e por fatos que desencadearam lutas localizadas, mas com repercussão capaz de fazer uma articulação nacional da luta pela terra.

Alicates, cercas de arame, lonas pretas, chapéu vermelho, bandeira vermelha, foice, cruz, Bíblia representam elementos da simbologia e da mística que sempre estão presentes no MST. Esses instrumentos fazem parte do que podemos chamar “pedagogia do movimento”, uma pedagogia que se aprende e se faz na luta social concreta. Nesse contexto, a pedagogia é entendida como movimentos de construção coletiva e permanente no interior dos espa-

ços e tempos do MST, tendo como ponto de partida e de chegada as experiências socioculturais dos sujeitos envolvidos no processo. Busca-se, assim, a partir desse processo sociocultural-pedagógico, a construção de uma outra sociedade, de um outro mundo, mais feliz, mais humano.

Esta obra de Caldart insere-se nos espaços-movimentos de formação humana. Precisa, a nosso ver, ser leitura obrigatória para quem acredita que “outro mundo ainda é possível”, afinal, se temos uma identidade sem terra, a luta é de todos nós.

Em toda a obra, a autora assume uma postura crítico-dialético-emancipatória diante da sociedade neoliberal, excludente, opressora, onde crianças, adolescentes, jovens, idosos, homens, mulheres continuam sendo sufocados, violentados cotidianamente. Pela leitura da obra, Caldart lança-nos gritos de alerta: a favor de quem lutamos? Contra quem lutamos? De que lado estamos?

A escola também, com este trabalho, passa a assumir novos desafios: como (re)aprender a aprender com a educação-movimento uma nova *cultura política pública*? Como construir novos espaços de formação sociocultural humana numa perspectiva emancipatória? Como romper com a estrutura da escola formal, que continua excluindo, violentando sujeitos?

Com esta obra, certamente, (re)aprendemos outros movimentos – movimentos a favor da dignidade humana, dos desempregados, do respeito e da garantia dos direitos humanos, entre tantos outros – e passamos a nos perguntar: qual é o nosso papel, individual e coletivo, na organização social dos(as) excluídos(as), dos que continuam sendo silenciados, dos que perderam a capacidade de sonhar?